

**XXX CONGRESSO NACIONAL DO  
CONPEDI FORTALEZA - CE**

**TEORIAS DA DEMOCRACIA, DIREITOS  
POLITICOS, MOVIMENTOS SOCIAIS E FILOSOFIA  
DO ESTADO**

**ADRIANA FASOLO PILATI**

**FREDERICO THALES DE ARAÚJO MARTOS**

**LUCAS CATIB DE LAURENTIIS**

Todos os direitos reservados e protegidos. Nenhuma parte destes anais poderá ser reproduzida ou transmitida sejam quais forem os meios empregados sem prévia autorização dos editores.

#### **Diretoria - CONPEDI**

**Presidente** - Profa. Dra. Samyra Haydêe Dal Farra Naspolini - FMU - São Paulo

**Diretor Executivo** - Prof. Dr. Orides Mezzaroba - UFSC - Santa Catarina

**Vice-presidente Norte** - Prof. Dr. Jean Carlos Dias - Cesupa - Pará

**Vice-presidente Centro-Oeste** - Prof. Dr. José Querino Tavares Neto - UFG - Goiás

**Vice-presidente Sul** - Prof. Dr. Leonel Severo Rocha - Unisinos - Rio Grande do Sul

**Vice-presidente Sudeste** - Profa. Dra. Rosângela Lunardelli Cavallazzi - UFRJ/PUCRio - Rio de Janeiro

**Vice-presidente Nordeste** - Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

**Representante Discente:** Prof. Dr. Abner da Silva Jaques - UPM/UNIGRAN - Mato Grosso do Sul

#### **Conselho Fiscal:**

Prof. Dr. José Filomeno de Moraes Filho - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Caio Augusto Souza Lara - SKEMA/ESDHC/UFMG - Minas Gerais

Prof. Dr. Valter Moura do Carmo - UFERSA - Rio Grande do Norte

Prof. Dr. Fernando Passos - UNIARA - São Paulo

Prof. Dr. Edinilson Donisete Machado - UNIVEM/UENP - São Paulo

#### **Secretarias**

#### **Relações Institucionais:**

Prof. Dra. Claudia Maria Barbosa - PUCPR - Paraná

Prof. Dr. Heron José de Santana Gordilho - UFBA - Bahia

Profa. Dra. Daniela Marques de Moraes - UNB - Distrito Federal

#### **Comunicação:**

Prof. Dr. Robison Tramontina - UNOESC - Santa Catarina

Prof. Dr. Liton Lanes Pilau Sobrinho - UPF/Univali - Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Lucas Gonçalves da Silva - UFS - Sergipe

#### **Relações Internacionais para o Continente Americano:**

Prof. Dr. Jerônimo Siqueira Tybusch - UFSM - Rio Grande do sul

Prof. Dr. Paulo Roberto Barbosa Ramos - UFMA - Maranhão

Prof. Dr. Felipe Chiarello de Souza Pinto - UPM - São Paulo

#### **Relações Internacionais para os demais Continentes:**

Profa. Dra. Gina Vidal Marcilio Pompeu - UNIFOR - Ceará

Profa. Dra. Sandra Regina Martini - UNIRITTER / UFRGS - Rio Grande do Sul

Profa. Dra. Maria Claudia da Silva Antunes de Souza - UNIVALI - Santa Catarina

#### **Eventos:**

Prof. Dr. Yuri Nathan da Costa Lannes - FDF - São Paulo

Profa. Dra. Norma Sueli Padilha - UFSC - Santa Catarina

Prof. Dr. Juraci Mourão Lopes Filho - UNICHRISTUS - Ceará

**Membro Nato** - Presidência anterior Prof. Dr. Raymundo Juliano Feitosa - UNICAP - Pernambuco

T314

Teorias da democracia, direitos políticos, movimentos sociais e filosofia do estado [Recurso eletrônico on-line]

Organização CONPEDI

Coordenadores: Adriana Fasolo Pilati; Frederico Thales de Araújo Martos; Lucas Catib De laurentiis. – Florianópolis: CONPEDI, 2023.

Inclui bibliografia

ISBN: 978-65-5648-875-2

Modo de acesso: [www.conpedi.org.br](http://www.conpedi.org.br) em publicações

Tema: Saúde: Acesso à justiça, Solução de litígios e Desenvolvimento

1. Direito – Estudo e ensino (Pós-graduação) – Encontros Nacionais. 2. Teorias da democracia e direitos políticos. 3. Movimentos sociais e filosofia do estado. XXX Congresso Nacional do CONPEDI Fortaleza - Ceará (3; 2023; Florianópolis, Brasil).

CDU: 34



# **XXX CONGRESSO NACIONAL DO CONPEDI FORTALEZA - CE**

## **TEORIAS DA DEMOCRACIA, DIREITOS POLITICOS, MOVIMENTOS SOCIAIS E FILOSOFIA DO ESTADO**

---

### **Apresentação**

TEORIAS DA DEMOCRACIA, DIREITOS POLITICOS, MOVIMENTOS SOCIAIS E FILOSOFIA DO ESTADO I

O XXX Congresso Nacional do CONPEDI Fortaleza - CE, dedicado ao tema “ACESSO À JUSTIÇA, SOLUÇÃO DE LITÍGIOS E DESENVOLVIMENTO”, ocorreu no mês de outubro de 2023, ano em que a Constituição Brasileira de 1988 completou 35 anos, cujo processo constituinte destacou-se pela preocupação em aprofundar a democracia por meio da participação popular. Após 35 anos, chegada a hora de propor algumas discussões inovadoras, objetivo deste Congresso.

O Grupo de Trabalho TEORIAS DA DEMOCRACIA, DIREITOS POLITICOS, MOVIMENTOS SOCIAIS E FILOSOFIA DO ESTADO I, contou com a apresentação de 18 trabalhos, os quais propuseram reflexões sobre voto feminino, cotas de gênero nas eleições brasileiras, direitos das minorias, representação parlamentar feminina, fake news, era digital, desigualdades sociais, violação dos direitos humanos, povos quilombolas, entre outras temáticas.

As comunicações efetuadas pelos participantes, de forma geral, demonstraram preocupação com os horizontes democráticos no Brasil, tanto na dimensão teórica como na sua práxis. Abordaram a necessidade de fortalecer o regime democrático e as simultâneas ameaças que alguns fenômenos atuais, como as fakes news e resistência à representação de minorias, produzem à democracia.

Os trabalhos apresentados se dedicaram ao estudo, especificamente, de temas como justiça eleitoral e o voto feminino, a blockchain no controle social das ações afirmativas da cota de gênero nas eleições brasileiras, a representação parlamentar feminina numa perspectiva relacional de gênero, candidaturas majoritárias avulsas e o tema 974 do STF, reformas do sistema proporcional brasileiro, representação política, discurso parlamentar brasileiro sob a perspectiva de Michel Foucault e Norman Fairclough; democracia e promoção de direitos das minorias, perfil socioeconômico dos cidadãos negros residentes na região metropolitana de Paraíba, a fake news na era digital, “demokratia”, povos quilombolas no quadrilátero aquífero mineiro, políticas tecnocratas e de mérito na visão de Michael Sandel, cultura e seu

patrimônio na consolidação da democracia, estruturação social adversa, desigualdades sociais e violação dos direitos humanos:, poder moderador e forças armadas, separação dos poderes e funções atípicas do poder executivo..

Enfim, os conteúdos explorados nos artigos assinalam a inquietação com a dinâmica da participação e democracia e com a construção de decisões democráticas, muito além de discussões meramente dogmáticas. A riqueza dos enfoques teóricos e os múltiplos espectros temáticos abordados refletem a importância da investigação e da imersão acadêmica dos Programas de Pós-Graduação em Direito nos principais problemas em torno das teorias da democracia, dos direitos políticos, dos movimentos sociais e da filosofia do Estado. Mais uma vez se observou a necessidade de criar redes nacionais e internacionais de pesquisa para arraigar diagnósticos e a busca de soluções para os problemas levantados dentro de eixos de análise comprometidos com olhares, saberes e epistemologias próprias para atender a realidade jurídica do Brasil.

Adriana Fasolo Pilati (Universidade de Passo Fundo - UPF)

Frederico Thales de Araújo Martos (Faculdade de Direito de Franca - Universidade do Estado de Minas Gerais)

Lucas Catib De laurentiis (PUC de Campinas)

**ESTRUTURAÇÃO SOCIAL ADVERSA, DESIGUALDADES SOCIAIS E VIOLAÇÃO DOS DIREITOS HUMANOS: UMA ANÁLISE A PARTIR DA IDEIA DA EXISTÊNCIA DE UM SISTEMA INVISÍVEL DE CASTAS NOS ESTADOS UNIDOS E NO BRASIL**

**ADVERSE SOCIAL STRUCTURING, SOCIAL INEQUALITIES AND VIOLATIONS OF HUMAN RIGHTS: AN ANALYSIS BASED ON THE IDEA OF THE EXISTENCE OF AN INVISIBLE CASTE SYSTEM IN THE UNITED STATES AND BRAZIL**

**Gilmar Antonio Bedin <sup>1</sup>**  
**Bibiana Knorr de Moura <sup>2</sup>**

**Resumo**

O presente artigo preocupa-se com a existência de um sistema invisível de castas baseado na raça presente nos Estados Unidos e no Brasil. A compreensão da realidade dos EUA foi realizada a partir da obra *Casta: as origens de nosso mal-estar*, de Isabel Wilkerson, e a do Brasil a partir da obra *Como o racismo criou o Brasil*, de Jessé Souza. O encontro destas duas construções teóricas revela que as duas sociedades são perpassadas ainda por uma forte estrutura segregacionista dos respectivos grupos afrodescendentes e por um racismo não explicitamente declarado que ajuda a manter separado os grupos sociais considerados superiores e inferiores pela respectiva sociedade. Esta é claramente uma herança dos seus respectivos passados escravagistas e de um conjunto de valores que foram historicamente naturalizados pelos seus diversos segmentos sociais. Portanto, o objetivo é contribuir, mediante a utilização do método hipotético-dedutivo e da técnica de pesquisa bibliográfica, para a compreensão do racismo como uma das fontes mais importantes das grandes desigualdades sociais existentes nos dois países. A conclusão do trabalho é que este quadro é inaceitável e que se deve romper com este sistema invisível de castas. Esta é grande tarefa destas duas sociedades no decorrer do Século 21.

**Palavras-chave:** Desigualdades sociais, Direitos humanos, Mobilidade social, Racismo estrutural, Sistema invisível de castas

**Abstract/Resumen/Résumé**

The presente article is concerned with the existence of an invisible caste system based on race in the United States and in Brazil. The comprehension of the United States reality was realized from the work *Caste: The Origins of Our Discontents*, by Isabel Wilkerson, and the Brazil from the work *How Racism Created Brazil*, by Jessé Souza. The meeting of these two

---

<sup>1</sup> Pós-Doutor pelo IDEA/USACH. Professor dos Programas de Pós-Graduação em Direito da UNIJUÍ e da URI. Líder do Grupo de Pesquisa do CNPq: Direitos Humanos, Governança e Democracia (Mundus).

<sup>2</sup> Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Direito da UNIJUÍ. Bolsista de Mestrado da CAPES. Integrante do Grupo de Pesquisa do CNPq: Direitos Humanos, Governança e Democracia (Mundus).

theoretical constructions reveals that both societies are still permeated by a strong segregationist structure of the respective afrodescendant groups and by a non-explicitly declared racism that helps to keep separate the social groups considered superior and inferior by the respective society. This is clearly a heritage of their respective slave pasts and a set of values that were historically naturalized by their various social segments. Therefore, the objective is to contribute, through the use of the hypothetical-deductive method and the bibliographic research technique, to the understanding of racism as one of the most important sources of the large social inequalities existing in both countries. The conclusion of the work is that this situation is unacceptable and the invisible caste system must be broken. This is the big task of these two societies in the course of the 21st century.

**Keywords/Palabras-claves/Mots-clés:** Social inequalities, Human rights, Invisible caste system, Social mobility, Structural racism

## 1 INTRODUÇÃO

O debate sobre o mundo atual tem chamado a atenção para diversos aspectos que envolvem um mundo cada vez mais complexo. Neste sentido, tem sido chamado a atenção para a crescente interdependência entre os países, o impacto das novas tecnologias e o crescimento dos níveis de desigualdades. Em relação a esse último tema, chama a atenção em especial os desníveis históricos extraordinários existentes em países com uma população muito grande. Este é o caso, por exemplo, do Brasil, Estados Unidos da América do Norte (EUA) e a Índia. Em relação à Índia, um excelente exemplo é a obra *Glória Incerta: A Índia e suas Contradições*, de Amartya Sen e Jean Dréze (2015). No que refere aos EUA, a obra mais relevante da atualidade é o livro *Casta: as origens de nosso mal-estar*, de Isabel Wilkerson (2021). Por fim, no Brasil, chama a atenção do problema o livro *Como o racismo criou o Brasil*, de Jessé Souza (2021).

O presente trabalho reflete sobre a realidade norte-americana e brasileira. Por isso, tem como principais referências os dois livros referidos no parágrafo anterior. Além disso, é importante destacar que o eixo central é a ideia desenvolvida por Isabel Wilkerson<sup>1</sup> de que nos Estados Unidos existe um verdadeiro sistema invisível de castas.<sup>2</sup> Esta ideia é importante porque ajuda a revelar os obstáculos informais existentes na sociedade norte-americana e em outras, como a brasileira, que possuem trajetórias longas de escravidão e desigualdades significativas. No que tange ao Brasil, ajuda na identificação do referido sistema invisível a obra já mencionada, de Jessé Souza (2021). Em síntese, esta obra ajuda a identificar a existência da mesma estrutura.

Com este recorte, é importante perguntar agora, portanto, qual é o ponto de partida da autora? Isabel Wilkerson parte da experiência histórica dos EUA e volta-se para a longa história do país de discriminação dos afro-americanos (e de outras minorias). Este recuo para o passado da referida sociedade é, para a autora, fundamental para a compreensão do presente. Em outras palavras, para ela, sem o devido resgate é impossível compreender como foi naturalizado na realidade simbólica dos EUA um sistema informal de castas e uma estrutura ainda hoje simbolicamente segregacionista. Portanto, o antigo sistema segregacionista do país ainda está

---

<sup>1</sup> Isabel Wilkerson é autora de diversos livros e ganhadora de prêmios relevantes pela sua trajetória enquanto escritora.

<sup>2</sup> Portanto, diferente da Índia que possuía até pouco tempo formalmente um sistema formal de castas. Em relação às dificuldades atuais da Índia em superar o referido sistema de castas pode ser vista a obra Amartya Sen e Jean Dréze (2015).

vigente, mesmo que de uma forma invisível, e continua ainda a dividir a sociedade norte-americana em brancos e demais grupos sociais.

Esta separação, segundo a obra de Jessé Souza, também se mantém no Brasil. Estes dois sistemas informais revelam que boa parte das duas sociedades referidas se estruturam a partir de uma crença que os grupos dominantes possuem uma superioridade intrínseca e que os grupos sociais marginalizados possuem uma inferioridade intrínseca. Assim, não somente a segregação racial seria o suficiente para explicar essa conjuntura, mas principalmente que todas as interações entre os indivíduos superiores são justificadas e, portanto, aqueles habitantes das castas subordinadas de fato merecem a posição que lhes é atribuída.

Assim, forma-se uma hierarquia que separa os grupos sociais e determina quais os espaços que estes diferentes grupos sociais podem ocupar nas respectivas sociedades. Isso porque, nos dias atuais, muitas práticas racistas passam, muitas vezes, despercebidas ou são encobertas por várias formas simbólicas encobridoras. Em outras palavras, apenas estão encobertas. Para a realização da pesquisa, foram utilizados o método hipotético-dedutivo e a técnica de pesquisa bibliográfica. Neste sentido, foram usadas fontes bibliográficas disponíveis em meios físicos e digitais em idioma nacional, com leituras e o fichamento das obras selecionadas.

## **2 OS ESTADOS UNIDOS E O SISTEMA INVÍVEL DE CASTAS**

A abordagem de um tema pode ser feita a partir de diversos lugares diferentes. Isabel Wilkerson (2021) inicia a sua obra destacando que, ao examinar a história de um país, é possível perceber que existe uma infraestrutura material e simbólica que é a base de todo o seu sistema funcional. Assim, entende a autora que, tal como na Índia prevaleceu, durante um longo tempo, um sistema formal de castas, os Estados Unidos também vivenciaram historicamente uma forma de organização social que, informalmente, construiu uma pirâmide social hierarquizada fundamentada sobre a ideia de raça. Esta estrutura não foi ainda rompida e, por isso, entende que a mesma precisa se tornar visível e as condições de existência devem ser problematizadas e questionadas.

Para isto, a autora relembra os três principais sistemas de castas que a humanidade já vivenciou: o sistema de castas da Alemanha nazista, o sistema indiano de castas e a pirâmide de castas dos Estados Unidos. Cada um desses sistemas “se baseou na estigmatização dos supostos inferiores a fim de justificar a desumanização necessária para manter na base as pessoas de classificação mais baixa e os protocolos para a vigência dessa ordem” (Wilkerson,

2021, p. 30). Isso significa dizer que nesses três territórios a temática do poder ganha força para atribuir valores aos sujeitos merecedores de habitar a casta mais alta enquanto os intocáveis da casta mais baixa são sujeitados às piores atrocidades que o homem pode cometer.

Dessa perspectiva, é possível entender o posicionamento de Isabel Wilkerson sobre o sistema de castas que não é necessariamente relacionado ao racismo, como já visto no sistema indiano. A ideia de casta pode ser baseada em qualquer métrica para separar as pessoas, seja a religião ou grupo social em que terminadas pessoas nascem. Por isso, o sistema de castas é mais antigo que o conceito de raça na história humana. De fato, o racismo é típico do mundo moderno e surge a partir do tráfico de escravos da África para o continente americano, então colônia de países europeus.

Neste sentido, Wilkerson (2021) recorda que somente a partir da formação do Novo Mundo que os europeus se tornaram brancos e os africanos se tornaram negros e desde então os seres humanos são separados pela aparência, no mundo Ocidental. É formado então um sistema de castas baseado na raça. Assim, o sistema de castas e o racismo contra os afrodescendentes

não são sinônimos nem mutuamente excludentes. Podem coexistir e de fato coexistem na mesma cultura, e servem para reforçar uma à outra. A raça, nos Estados Unidos, é o agente visível da força invisível da casta. A casta é a ossatura, a raça é a pele. A raça é o que podemos ver, os traços físicos que receberam um significado arbitrário e se tornaram um resumo do que a pessoa é. A casta é a poderosa infraestrutura que mantém cada grupo em seu lugar (Wilkerson, 2021, p. 32).

Ante o exposto, resta claro que o uso da ideia do sistema de castas feita por Isabel Wilkerson é um recurso teórico fundamental para a compreensão da realidade dos Estados Unidos. Mas, é também relevante para a compreensão da realidade brasileira. É que ambos os países possuem em comum um longo período de escravidão (a escravidão durou nos Estados Unidos aproximadamente 240 anos e no Brasil aproximadamente 350 anos). Assim, a escravidão foi uma prática comum e deixou uma herança adversa de estratificação social em ambas as sociedades.

Esta é uma das vigas que sustentam, como o esqueleto que não se vê, a estrutura de castas de uma casa velha. É o trabalho que nunca terminou, uma casa linda por fora, mas que foi construída em solo instável, com rachaduras consertadas, mas que tendem a aparecer. Quando moramos nessa casa velha, nos adaptamos, com desleixo aceitável, as inaceitáveis consequências do racismo estrutural (Wilkerson, 2021). Por isso, atualmente o racismo continua a comandar boa parte do processo de dominação política e social e, em consequência, explica

o funcionamento das sociedades norte-americana e brasileira, seus estereótipos típicos de países escravocratas em sua origem.

Em relação ao Brasil, é importante lembrar que hoje há um claro consenso nas Ciências Humanas e Sociais que a sociedade brasileira é perpassada por uma estratificação racial e que sua configuração é efetivamente estrutural. Assim, reconhecer este problema é um avanço importante e, na medida em que a autora descreve como o sistema de castas funciona nos Estados Unidos, fica fácil de reconhecer a sua semelhança com o Brasil, pois o castismo é uma classificação arbitrária e artificial das pessoas que compõem uma sociedade, determinando o valor que cada pessoa deve ter no conjunto da sociedade com base apenas no grupo que ela foi incluída, e não com base em suas ações (Wilkerson, 2021).

Assim, não são os méritos de uma pessoa, mas o seu enquadramento em um dos grupos sociais que determina o seu acesso a determinados lugares na sociedade e aos recursos básicos para uma vida confortável.<sup>3</sup> Por isso, é fundamental a compreensão desta estrutura invisível das sociedades norte-americana e brasileira e denunciar as suas consequências absolutamente nefastas. Neste sentido, o sociólogo brasileiro Jessé Souza (2021) vai concordar com a análise feita por Isabel Wilkerson (2021), ainda que ambos os autores tenham como referência principal países muito diferentes. Em síntese, para os autores, os dois países possuem um sistema invisível de castas.

Portanto, pensamos “ver” a raça quando olhamos para alguém, mas o que verdadeiramente enxergamos são os significados sociais empregados e os estereótipos associados a traços físicos. Por essa razão que nos dias atuais não presenciamos o racismo clássico, mas uma modificação que se adapta às atuais necessidades do sistema, o que gera uma resistência ao termo que não é discutido e, portanto, o priva de significado (Wilkerson, 2021). Isso não significa que não possua sequelas reais, dado que uma vez mascarado se torna mais difícil de identificá-lo para aqueles que estão preocupados com suas consequências, mas para quem alimenta esse sistema e deseja que o racismo continue sendo determinante para as construções sociais, criar novas formas de manifesto é necessário. Inclusive porque não somente concordam, mas são os grandes agentes por trás dessa problemática.

A versão atual do racismo pode encobrir a estrutura invisível que mantém essa desigualdade, mas a casta não permite ignorar a estrutura porque é a própria hierarquia. É um corpo que tende a se sustentar a todo custo, “é a concessão ou a negação de respeito, posição, honra, atenção, privilégios, recursos, benefício da dúvida e bondade humana a alguém com base

---

<sup>3</sup> O debate sobre o mérito e a meritocracia nas sociedades atuais tem se tornado cada vez mais importante. Em relação ao tema, ver a obra A tirania do mérito, de Michael J. Sandel (2020).

no nível ou na posição que esse alguém, na percepção dos outros, ocupa na hierarquia” (Wilkerson, 2021, p. 82).

Os habitantes da casta superior sempre vão agir com companheirismo para com seus semelhantes no intuito de protegerem seus lugares na hierarquia, isso porque durante toda a história escravagista tanto do Brasil como dos Estados Unidos, os movimentos que executaram colaboraram para a manutenção da sua posição na hierarquia. Neste sentido, ações comuns são fundamentais para a construção de uma identidade comum do grupo dominante e para o que é considerado inferior. No caso em discussão, tiveram um papel relevante, por exemplo, a prática da escravidão, a manutenção da segregação racial durante tanto tempo e da privação do direito do voto.

Desta forma, pode-se dizer que os referidos acontecimentos tiveram um papel histórico fundamental na fixação dos limites de pertencimento a um ou ao outro grupo social e tiveram um papel central na construção do sistema invisível de castas. Assim, enquanto estrutura informal nas sociedades analisadas, significa que os dominadores continuam no poder e sempre encontrarão novas formas de opressão sob outras motivações. Se desejamos que a velha política seja destruída, não podemos concordar com as diferentes formas que o racismo mascarado se apresenta.

Ainda que a casta não explique tudo em nossa sociedade, nenhum aspecto de nossa sociedade é passível de plena compreensão sem observar as atividades que o sistema de casta produz e movimenta. E para isso Wilkerson estabelece oito pilares da casta que são esmiuçados em sua obra. Alguns deles cabem ser detalhados, em especial o pilar da desumanização e estigma. Este pilar é importante porque nos permite compreender como é relevante para a criação de um sistema social estratificado o estabelecimento imaginário de uma falsa verdade sobre o que é evidente em outro ser humano (mesma dignidade ou não). Para a resposta negativa, é fundamental um longo processo de desumanização e, portanto, a construção de um grupo de seres humanos sem dignidade (que podem ser tratados de forma pouco relevante/descartável).

Desta forma, todo o outro grupo passa a ser estigmatizado, não somente um indivíduo, justamente porque a individualidade é característica dos membros da casta dominante. Esta condição individual é fundamental para a proteção dos membros do grupo superior e não deve acontecer com os membros do grupo inferior, pois toda vez que alguém é individualizado ele adquire uma identidade e, em consequência, torna-se mais difícil descartarmos um indivíduo que conhecemos em sua singularidade. Assim, os estigmatizados não são, como regra, percebidos pelos que se consideram superiores como verdadeiros seres humanos, iguais em

direitos e dignidade. Ao contrário, são vistos como seres humanos inferiores e como peças fáceis de serem substituídas. Esta percepção gera a sua desumanização e a sua subalternização na sociedade.

Além do pilar já referido, outro que é essencial para o sistema de castas é o da superioridade intrínseca versus inferioridade intrínseca. Este pilar constrói a ideia de que a casta dominante possui uma superioridade inerente a ela e, portanto, estabelece que os seus membros são merecedores do melhor que a sociedade pode oferecer. Ao mesmo tempo, forja a suposição que os membros da casta subordinada possuem uma inferioridade intrínseca e, em consequência, merecem, por determinação da natureza, sua condição de grupo social excluído. Tal forma de compreender a sociedade serve para justificar a hierarquia estabelecida e para naturalizar as desigualdades sociais.

Quando isto se torna um hábito reiterado ao longo da história, é naturalizada a ideia de uma sociedade de castas. É que, por um lado, aqueles que integram o grupo dominante passam a usufruir um lugar diferenciado na sociedade e que entendem que nada e nem ninguém poderá lhes tirar este lugar (que é seu por direito) e que, por outro, os integrantes dos grupos sociais marginalizados devem se contentar com a sua condição, pois devem lembrar que este é o seu lugar social por determinação da natureza e que, portanto, devem se adaptar a este lugar. Essa é uma das justificativas mais importante da sociedade de castas e da naturalização das desigualdades.

Por isso, quando as pessoas vivem por muito tempo sob estes “pressupostos, transmitidos ao longo das gerações como fatos incontroversos, eles passam a ser aceitos como verdades da física e a dispensar qualquer comentário” (Wilkerson, 2021, p. 191). O resultado da construção desta forma hierarquizada de imaginário social é a formação de um sistema invisível de dominação que somente pode ser rompido com ações coletivas de políticas públicas reparatórias. É que sem estas ações coletivas, todos os integrantes dos grupos marginalizados devem, se quiserem prosperar, se ajustar às expectativas e aos comportamentos da casta superior ou, o que é mais comum, aceitar seu domínio e adotar a missão de servir, consolar, entreter e confortar o grupo dominante. Além disso, não se deve esquecer também da regra que estabelece que, no caso de conflito e violência, devem aceitar pacificamente seus dissabores ou a violação dos seus direitos, sem esperar receber qualquer reparação da parte superior contrária.

Apesar do poder desta forma de dominação, é comum verificarmos um conjunto de membros do grupo considerado inferior lutando por romper este sistema de dominação. Essa luta tem, muitas vezes, grandes resultados. A experiência quotidiana demonstra, contudo, que é mais comum o sujeito da casta inferior tentar competir com outro da casta superior e ter

resultados muito ruins. É que, não importa o quão competente e dedicado o primeiro seja, há um conjunto de mecanismos invisíveis que o impedem de avançar e de ocupar determinados lugares sociais. Isso demonstra claramente que a ideia de meritocracia, nas sociedades estratificadas, é uma verdadeira ideologia, pois leva as pessoas a acreditarem que qualquer indivíduo pode ocupar, por seus próprios méritos, os lugares mais relevantes da sociedade. Isto, obviamente, não é verdade, pois os integrantes do grupo dominante sempre possuem um conjunto de vantagens invisíveis e os integrantes do grupo considerado inferior um conjunto de obstáculos intransponíveis. Isto é, os representantes do grupo marginalizado se deparam, na maioria das vezes, com um caminho social obstruído por todos os lados e não tem, portanto, como alcançar o mesmo resultado. Este fato é, normalmente, desconsiderado e, portanto, o lugar comum é apelar para a ideia socialmente muito recepcionada da suposta não dedicação suficiente do sujeito envolvido.

Esta dificuldade de mobilidade social do grupo marginalizado é, claro, inaceitável. Por isso, é fundamental a mudança desta realidade mediante a adoção de políticas públicas reparadoras. Dito de outra forma, não é mais passível que sejam aceitas as condições adversas historicamente construídas para os integrantes do grupo considerado inferior em suas caminhadas na sociedade. Assim, a sociedade deve priorizar as necessidades dos que se encontram em desamparo na atualidade e, em consequência, redefinir o perfil do país. Isto beneficiará a todos ao seu redor, pois elevará o nível de desenvolvimento da sociedade e tornará o seu conjunto mais diversificado e inovador. Por isso, Isabel Wilkerson (2021, p. 388) aponta que é preciso reconhecer os danos causados pelo sistema de castas, pois sem esse discernimento, “o provável é que a hierarquia mude de forma, como fez no passado, para garantir que a estrutura se mantenha intacta”.

As linhas invisíveis de solidariedade e preconceito que apontam alguns autores são definidas pelo sistema de castas informais por Isabel Wilkerson (2021), que se encaixa perfeitamente nesse contexto. A negação da humanidade combinada com esses esquemas de avaliação confirma a urgência que nossa sociedade tem de combater as desigualdades econômicas e raciais de forma conjunta, a fim de desestruturar o racismo estrutural que sustenta nosso corpo social.

Apesar de que é evidente que para alguns o castismo funciona porque mantém seus privilégios, em contrapartida, para a grande maioria da sociedade as castas somente impulsionam as desigualdades sociais e cria cenários de humilhação e desrespeito reiterados e inadmissíveis para o nosso tempo. Para isso cabe refletir sobre como as castas atuam por meio das ações dos seres humanos, sendo eles próprios os criadores desse sistema. Esta deve ser uma

das grandes tarefas do Brasil no presente século. Mas, por onde começar? Talvez o melhor caminho seja compreendendo o problema, ou seja, entendendo como o país possui também uma sociedade de castas.

### 3 O BRASIL E O SISTEMA INVISÍVEL DE CASTAS

O número de autores que refletiram e refletem atualmente sobre a sociedade brasileira é imenso e muito diverso. Para efeitos desta pesquisa, foi destacado o sociólogo brasileiro Jessé Souza e sua obra *Como o racismo criou o Brasil* (2021). O motivo principal desta escolha deve-se ao fato que a obra em questão permite a compreensão de que a realidade brasileira também é perpassada por um sistema invisível de castas. A formação deste sistema ocorreu, como no caso dos EUA, devido ao passado escravagista do Brasil e permanece em vigor na atualidade.<sup>4</sup> Daí, portanto, o tema da escravidão e seu legado serem o foco mais importante deste processo silencioso.

O referido processo se materializa socialmente das diversas formas de racismo e de exclusão social. Por isso, Jessé Souza sustenta a tese de que todos os racismos possuem um núcleo em comum chamado de *racismo multidimensional*, o qual assume diversas máscaras e peculiaridades específicas conforme o contexto social. Afirma a necessidade de compreender a dominação em toda sua dimensão de maneira a unir todos os “racismos”, ao invés de ocultar as desigualdades ainda mais invisíveis. Ao citar o termo “todos os racismos”, o autor que chamar a atenção para todas as formas de discriminação, quer elas abranjam gênero, raça, classe ou grupos culturais específicos. Sustenta que o fenômeno do racismo deve ser tratado, simultaneamente, uma vez que, ao iluminar somente um ângulo, pode levar a reprodução de comportamentos autoritários sobre os outros.

Na sequência, o autor relembra o estudo do professor Silvio Almeida sobre racismo estrutural, que descreve a questão racial de forma mais profunda, ao entender o racismo decorrente da própria estrutura social.<sup>5</sup> Jessé Souza (2021) concorda com seus termos, uma vez que o racismo racial vai muito além de posturas individuais ou institucionais, sendo uma construção intrínseca ao processo de dominação social. É, portanto, a base medular da

---

<sup>4</sup> Os autores, claro, não desconhecem as diferenças entre o processo de escravização norte-americano (centrado numa lógica mais industrial) e o processo de escravização brasileiro (mais tradicional e, portanto, mais familiar e interiorano).

<sup>5</sup> O debate recente sobre o racismo no Brasil tem se intensificado e, portanto, tem se tornado mais evidente a sua dimensão estrutural. Uma das obras importantes sobre o tema e que se afasta um pouco desta visão mais estruturalista é o importante livro *O fascismo da cor: uma radiografia do racismo nacional*, de Muniz Sodré (2023).

sociedade brasileira moderna, por isso é preciso ver o racismo racial como estratégia de distorção e ocultação das relações morais perversas, que condicionam o nosso agir cotidiano e impedem a realização da justiça.

Assim, o racismo no Brasil tem suas formas sutis de permanência e de ocultação. Por isso, Jessé Souza afirma que o Brasil é constituído por um conjunto de máscaras que ajudam a continuar a perpetuar o racismo por meio de outras práticas, como, por exemplo, o disfarce das chamadas políticas da guerra contra o crime. Isto fica evidente para o autor, seja no Brasil ou nos EUA, “quando o racismo racial comanda toda a lógica da sociedade e das classes sociais em luta” (Souza, 2021, p. 218, grifos do autor). Ter consciência deste fato é fundamental para a compreensão de que é preciso redefinir o conceito de cultura e diversificar as formas de compreensão do mundo. Neste sentido, lembra o autor que é justamente a “herança de padrões de justiça e humilhação em cada sociedade que definem a dimensão moral e política entre as classes sociais em luta”. (Souza, 2021, p. 218, grifos do autor). Dito de outra forma, a sociedade, sem a diversificação apontada, continuará a reproduzir os valores do passado e os padrões de justiça continuarão a ser os mesmos do passado, perpetuando as desigualdades sociais existentes.

Assim, é necessário, para haver avanços sociais, uma ruptura com o passado e o resgate de outros valores e de outras culturas historicamente invisibilizadas e descartadas como irrelevantes. Sem esta mudança, a classe ou raça mais inferior da hierarquia social brasileira continuará a ser composta por negros, a quem todos podem humilhar, oprimir e explorar sem que ninguém questione a ilicitude disso. Uma classe destinada a ser a “Geni” brasileira conforme aponta o autor, construída legitimamente como destino fadado ao fracasso de quem ali nasceu. Assim, fica explícito que o Brasil possui também um sistema invisível de castas e que o grupo social considerado inferior é historicamente o grupo de afro-brasileiros historicamente escravizados. Este grupo é denominado por Jessé de Souza de raça ou classe de oprimidos.

Assim, é possível dizer que tanto Isabel Wilkerson quanto Jessé de Souza chegam, apesar dos distintos aportes teóricos e das diferentes realidades pesquisadas, a mesma constatação: o racismo revela a existência de um sistema invisível de castas nas sociedades norte-americana e brasileira. Por isso, Souza (2021) chama a atenção para como o racismo constrói nossa forma de compreensão do mundo e como ele define coletivamente o que é prioridade no atendimento das necessidades humanas. Assim, fica evidente que, ao decidirmos como devemos atender essas necessidades, uma sociedade está também fazendo escolhas morais e, em muitos casos, decidindo quem vai comer alimentos saudáveis e de boa qualidade

e quem não vai ter acesso à uma alimentação adequada todos os dias. Em outras palavras, é esta escolha moral que vai determinar, em muitas situações, quem terá acesso aos bens e serviços de qualidade e quem não terá as mesmas possibilidades deste usufruto. Isto reforça uma sociedade dual e com baixos níveis de justiça. Assim, é um desafio significativo para todos (as) aqueles (as) que querem uma sociedade melhor.

É relevante observar que toda sociedade escravocrata tem em comum o ódio ao pobre, que se torna mais forte em razão dessa herança discriminadora baseada na raça. Isto é, o que constrói as sociedades são as forças de suas instituições, e a grande instituição presente nas sociedades aporofóbicas<sup>6</sup> é a escravidão que até os dias atuais se perpetua de modo mascarado. Souza (2021) revela que o racismo racial se mascara porque após a abolição da escravatura no Brasil, por exemplo, não é mais possível explicitá-lo, porém isso não significa que foi dizimado e é por essa razão que assume outras formas de se manifestar, facilitando a dominação cada vez que assumir a sua forma cultural.

Esta constatação é fundamental e é reafirmada por outros autores importantes. Neste sentido, Zambam (2021) reforça que a desigualdade econômica é a principal origem do racismo. Por isso, destaca Souza (2021, p. 126, grifos do autor) que

De dezenas de milhões de brasileiros pobres e negros foi retirada a possibilidade de aprendizado do papel social do produtor disciplinado e útil. Isso é um projeto político das elites cínicas e primitivas brasileiras que nunca pôde ser contraposto e revertido pelas classes populares. Assim, em vez de desenvolver um *habitus* disciplinar que lhe permitiria se transformar tanto em cidadão quanto em produtor útil, reconhecido por todos, essa massa de pessoas é condenada à barbárie do *habitus* precário que produz o analfabeto funcional condenado ao trabalho corporal e desqualificado e à humilhação da marginalidade social e política.

Isso se explica em razão da imigração maciça de brancos europeus ocorrido no Brasil no final do Século 19 e início do Século 20, após a abolição da escravatura. O processo de branqueamento se deu a partir do intuito da elite brasileira de aumentar a população branca do país ao passo que também se queria conter e dizimar a miscigenação e a grande população negra que existia até então. Estava intimamente relacionado com o preconceito de que negros e mestiços estavam prejudicando a permanência da raça branca no Brasil, o que supostamente era visto como algo desagradável mundialmente.

Por consequência desse acontecimento histórico, o apagamento de características fenotípicas ligados à raça definiu inúmeros desdobramentos posteriormente. Souza (2021, p. 221) relembra que “a autoestima individual, a superação de uma vergonha social ubíqua e

---

<sup>6</sup> Em relação ao tema (aversão ao pobre), ver a obra de Adela Cortina (2020).

muitas vezes até o amor próprio dos próprios pais” foram decididos a partir da ideologia do branqueamento no Brasil, de maneira que só pode ser assimilada a partir da combinação do racismo de raça e racismo de classe.

O autor também adverte para o que o racismo destrói nas pessoas, fato fundamental para explica-lo. Para isso é preciso “reconstruir as precondições, historicamente construídas, afetivas e morais, para que a individualidade de cada um possa ser exercida com confiança e autoestima de forma a merecer o respeito dos outros” (Souza, 2021, p. 9). O sistema de castas opera nesta perspectiva quando o imigrante branco que chega ao país se consolidou na sua posição observando a casta mais baixa e agindo de forma totalmente contrária a ela, com o intuito de ser aceito na casta dominante. É preciso enfatizar, portanto, que as castas influenciam profundamente a todos cidadãos que nela habitam.

Ao considerarmos que a pobreza material está acompanhada da pobreza moral, “a ausência de dignidade e a sensação de não ser tratado como “gente” têm um papel central na compreensão da experiência subjetiva da humilhação social entre os marginalizados e excluídos no Brasil” (Souza, 2021, p. 53). O passado escravocrata explica a hostilidade aos negros e aos pobres no Brasil na medida em que nossa história seria outra se fossemos nós os colonizadores, por isso que não há como discutir a temática sem enfatizar esse momento histórico.

Um recorte relevante sobre essa discussão é de que a todo momento os sujeitos estão avaliando a si mesmos e aos outros, e como não poderia deixar de ser, nossas métricas são baseadas nas predisposições que consideramos corretas. Até mesmo nas relações afetivas não é por acaso que o privilégio de classe se manifesta como determinante para escolher com quem iremos nos relacionar amorosamente, pois o que ocorre é a preferência por pessoas que denotam paridade para consigo, sejam elas quais forem.

De maneira geral as pessoas somente demonstram compaixão para com os seus semelhantes, revelando que tomamos nossas escolhas a partir do que nos foi apresentado como ideal e necessário, assim excluindo quem não representa esse padrão. Por conta disso que a distinção, o sentimento de superioridade social relativa e o reconhecimento social que a existência da classe de oprimidos provoca nos indivíduos aumenta sua autoestima e contribui para a aceitação da sociedade desigual como um todo por parte de todos (Souza, 2021).

Por outro lado, levando em consideração que a construção de nossa sociedade se deu no campo da moralidade, cabe questionar se as nossas escolhas individuais não são baseadas em construções sociais que acompanham os sujeitos ao longo da vida, pois isso também reflete na forma como nos relacionamos entre si. Nossos comportamentos são predeterminados, de forma que a renda diferencial dos indivíduos esconde a reprodução familiar e escolar específica

que nos é introduzida enquanto criança, de ordem que o pertencimento de classe constrói as pessoas enquanto sujeitos e oculta as injustiças sociais. Dessa forma é perpetuado o discurso do mérito individual, como já referido anteriormente, daqueles que ascendem economicamente (Souza, 2021).

Dito de outra maneira, é fundamental compreender que muitos não têm acesso a uma educação de qualidade, vivem constantemente sob insegurança alimentar e assistem à prática de violência e drogadição. Por consequência dessa conjuntura, jamais lhes foi introduzido o hábito de concentração, leitura, disciplina e imaginação, e assim se constrói os privilégios de classe e todas as suas interações sociais que estão por trás do mérito individual. Na incapacidade de organizar sua própria vida é que o sujeito não consegue alcançar a felicidade, pois a pobreza não permite que ele consiga planejar seu futuro, o que só é possível para aqueles que tiveram o privilégio de refletir sobre suas escolhas e principalmente, tiveram a possibilidade de fazer tais escolhas.

Nesse sentido, Jessé Souza (2021, p. 206) entende que estas disposições são

um conjunto positivo de capacitações e de potenciais que armam o indivíduo privilegiado pelo nascimento de classe para o sucesso na competição social em todas as esferas da vida. Mas o pertencimento de classe condena outros tantos indivíduos a pensarem sempre no aqui e agora e nunca no abstrato e provável, os incapacita para calcular e planejar o futuro, na medida em que o aguilhão da necessidade premente os prende ao presente e lhes nega a capacidade de se concentrarem, deixando-os fadados ao fracasso escolar, ao analfabetismo funcional e ao trabalho muscular e desqualificado.

Rememorando o já abordado sobre o campo da moralidade que nos influencia em nossas escolhas, o contexto em que nascemos com as suas determinadas concepções de justiça e valores se confundem com as nossas reações. Dito de outra forma, é a socialização escolar e familiar através da identificação afetiva com seus ascendentes que transmite nossas concepções sobre o mundo. É por isso que o autor aponta que a intenção da sociedade moderna é esconder a produção de privilégios desde a infância. O racismo de classe nesse contexto opera com doses do racismo racial, criando um racismo desumanizador conforme apontado por Isabel Wilkerson.

O reconhecimento social que perpassa todas as hierarquias da sociedade não só atinge os marginalizados como também cria um contraponto perante as outras classes quando o sujeito se considera superior ao outro, mesmo tendo ele baixo valor nessa hierarquia. Isso significa que a necessidade moral dos indivíduos pelo reconhecimento social influencia a acumulação de riquezas para justificar a falsa superioridade ante os demais. No entanto, a forma como fazemos

isso é prejudicial uma vez que as escolhas morais e políticas determinam as invariáveis sobre a fome, por exemplo. E tais decisões são tomadas de modo consciente por quem detém a dominação. Por isso, a luta contra o racismo racial é de toda a sociedade e a luta pela democracia racial é possível, desde que haja democracia para todos, porque uma sociedade que consente com a superioridade intrínseca de um grupo social diante dos outros jamais vai conseguir alcançar um nível elevado de desenvolvimento e gerar um estágio avançado de inovação e civilidade.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

As sociedades atuais mais desiguais têm uma imensa tarefa a ser realizada no decorrer do Século 21. É que cada vez mais as suas conformações históricas vão adquirindo transparência e a possibilidade de manutenção dos atuais níveis de desigualdades é um déficit moral inaceitável e a sua própria glória futura, para lembrar Amartya Sen e Jean Drève, é cada vez mais incerta. Assim, é uma tarefa urgente retomar o seu passado escravocrata ou de grande exclusão social e repensar como os seus sistemas invisíveis de castas podem ser rompidos e superados.

Ter clareza desta importante tarefa no momento atual é o primeiro passo para a superação do profundo mal-estar que estas sociedades demonstram na atualidade e uma das condições mais importantes para o fortalecimento dos vínculos sociais e da manutenção dos seus respectivos sistemas políticos democráticos. Neste quadro, tem uma grande relevância a inclusão plena em todos os benefícios de suas respectivas sociedades do grupo social mais marginalizado nos últimos quatro séculos da história humana no Ocidente: os afrodescendentes. Assim, é um passo fundamental a superação do racismo racial e a criação de um sistema público de reparação.

Isto significa que as referidas sociedades devem fazer uma profunda análise sobre como foram construídas as instituições e valores que perpassam a vidas dos seus cidadãos desde a tenra idade até as formas de seleção utilizadas para a escolha dos seus membros para os cargos mais importantes. É que isto permitirá revelar os obstáculos invisíveis que estão limitando as formas de acesso aos benefícios e bens construídos pelo conjunto da respectiva sociedade. Além disso, é fundamental a diversificação dos valores e o reforço contra as práticas de ódio contra os pobres. Repensar estes valores é necessário para que não se justifique conquistas individuais como meritocracia, vez que o fator decisivo para o adulto atingir patamares economicamente estáveis e significativos é, muitas vezes, o resultado de fatores invisíveis.

Um terceiro aspecto importante a ser destacado é que devem ser repensadas as relações familiares e as formas de acesso a determinadas habilidades. É que os indivíduos aprendem muitas habilidades no convívio em seu núcleo familiar e que determinado grupo social, os mais excluídos, tem enormes dificuldades de acessarem esta forma de aprendizagem. Isto amplia as desigualdades. O resultado é que, enquanto alguns cidadãos passam toda a vida sendo exaltados, por deterem, por exemplo, poder e, portanto, serem incentivados a fazer suas escolhas, os outros (considerados inferiores) estão sempre sendo humilhados e, em consequência, sendo considerados incapazes de exercer qualquer atividade relevante que lhe for eventualmente designada. Isto naturaliza as desigualdades e privilégios e impede a mobilidade social de importante segmento da população.

O encontro destes fatores é a base que sustenta atualmente o sistema invisível de castas em países como o Brasil e os Estados Unidos. Isto gera, em consequência, como lembra Wilkerson (2021), um processo de hierarquização dos grupos sociais e desumaniza parte da sua população. Além disso, permite a permanência de formas de dominação excludentes e violentas. Por isso, essa forma histórica de organização das sociedades brasileiras e norte-americanas deve ser questionada e, ainda que muitos de nós não sejamos responsáveis pela sua existência, não é possível ficar indiferente em relação a barbárie que elas representam no transcorrer do século 21.<sup>7</sup>

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. **Educação e emancipação**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

CORTINA, Adela. **Aporofobia, a aversão ao pobre**: um desafio para a democracia. Tradução de Daniel Fabre. São Paulo: Editora Contratempo, 2020.

DRÈZE, Jean; SEN, Amartya. **Glória incerta**: A Índia e suas contradições. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.

SANDEL, Michael J. **A tirania do mérito**. São Paulo: Civilização Brasileira, 2020.

SODRÉ, Muniz. **O fascismo da cor**: uma radiografia do racismo nacional. Petrópolis: Vozes, 2023.

SOUZA, Jessé. **Como o racismo criou o Brasil**. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

WILKERSON, Isabel. **Casta**: as origens de nosso mal-estar. Tradução de Denise Bottmann e Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

---

<sup>7</sup> No que se refere a barbárie como indiferença, pode ser lida a obra *Educação e Emancipação*, de Theodor Adorno (2011).

ZAMBAM, Neuro. Aporofobia e classificação de pessoas: abordagem sobre a raiz econômica dos racismos contemporâneos. **Civilistica.com**. Rio de Janeiro, a. 10, n. 3, 2021. Disponível em: <http://civilistica.com/aporofobia-e-classificacao/>. Acesso em: 17 jul. 2023.